É uma mulher pequena; mesmo esbelta por natureza, usa um espartilho muito apertado; sempre a vejo com o mesmo vestido, feito de um tecido amarelo-cinzento meio cor de madeira e rematado com borlas ou penduricalhos em forma de botões da mesma cor; anda sempre com a cabeça descoberta; seu cabelo loiro-opaco é liso e solto, mas sem ser descuidado. Mesmo com o espartilho, os movimentos dela são graciosos, na verdade ela exagera essa mobilidade, com gosto põe as mãos na cintura e, mediante um gesto de rapidez surpreendente, vira o tronco de lado. O único modo de verbalizar a impressão que a mão dela me causa é dizer que nunca vi outra mão em que cada um dos dedos estivesse separado dos outros de maneira tão nítida como na dela; mesmo assim, a sua mão não tem nenhuma particularidade anatômica, é uma mão perfeitamente normal.

Essa pequena mulher está muito insatisfeita comigo, tem sempre algo a criticar em mim, sempre uma injustiça a me imputar, irrito-a por tudo e por nada; se alguém pudesse separar a vida em suas menores partes e analisar cada uma das

partezinhas isoladas, sem dúvida cada partezinha da minha vida seria motivo de irritação para ela. Muitas vezes perguntei-me por que a irrito tanto; pode ser que tudo em mim contrarie seu senso estético, seu sentimento de justiça, seus hábitos, suas tradições, suas esperanças, existem naturezas assim, contrárias, mas por que ela sofre tanto com isso? Não existe relação nenhuma entre nós que pudesse levá-la a sofrer por minha causa. Bastaria ela decidir me encarar como um estranho total, o que afinal sou, e eu sequer me oporia a essa decisão, pelo contrário, recebê-la-ia de braços abertos, bastaria ela decidir esquecer a minha existência, que eu jamais impus nem seria capaz de impor a ela – e todo o sofrimento desapareceria. Não tenho em conta nem a mim nem à atitude dela, que também me é penosa, não tenho nada disso em conta, pois reconheço que toda a minha dor não representa nada diante do sofrimento dela. Contudo, tenho plena consciência de que esse não é nenhum sofrimento afetivo; ela não tem a menor intenção de aprimorar-me de fato, tanto que nenhuma das críticas que me faz é de feitio tal que seja capaz de impedir o meu progresso. Mas ela tampouco se ocupa com o meu progresso, não se ocupa com nada além de um certo interesse pessoal, a saber, vingar-se da angústia que lhe causo e evitar a angústia que posso vir a lhe impor no futuro. Certa vez tentei mostrar-lhe qual seria a

melhor forma de pôr fim a essa irritação constante, mas deixei-a num estado de nervos tal que não pretendo repetir a tentativa.

Também eu posso, conforme o caso, ser chamado à responsabilidade, pois, por mais estranha que me seja esta pequena mulher, por mais intenso o único laço a nos unir, no caso, o aborrecimento que lhe causo ou, antes, o aborrecimento que ela me deixa despertar, o visível sofrimento físico que esse aborrecimento lhe causa não deveria ser-me indiferente. De vez em quando, e nos últimos tempos com maior frequência, recebo notícias de que mais uma vez acordou pálida, tresnoitada, com dor de cabeça e quase incapaz de trabalhar; e assim ela põe os familiares preocupados; especula-se aqui e acolá sobre a causa de sua enfermidade, mas até hoje ninguém a encontrou. Apenas eu a conheço; é a antiga irritação, sempre renovada. A bem dizer, não compartilho as preocupações de seus familiares; ela é forte e robusta; alguém capaz de se irritar dessa forma também deve ser capaz de enfrentar as consequências da irritação; cheguei até a suspeitar que – ao menos em parte – ela finja esse sofrimento a fim de lançar as suspeitas do mundo contra mim. O orgulho a impede de ser franca em relação ao quanto a minha existência a aflige; recorrer aos outros por minha causa seria um aviltamento de si própria; é só por meio da indisposição, de

uma indisposição incessante, que eternamente a incita, que ela se ocupa de mim; ademais, falar sobre uma coisa sórdida como essa em público seria demais para seu pudor. Mas também seria demais calar a respeito de algo que a oprime o tempo inteiro. Assim ela procura em sua astúcia feminina um meio-termo; calada, apenas com os sinais externos de um sofrimento oculto, pretende levar o caso ao julgamento público. Talvez ela até mesmo espere que, quando o olhar do público estiver fixo em mim, surja uma irritação coletiva generalizada e que, assim, graças a esse poderoso instrumento, consiga minha condenação definitiva de modo muito mais contundente e muito mais rápido do que sua força individual relativamente mais fraca é capaz; e então ela vai se afastar com um suspiro e dar-me as costas. Ora, se isso é mesmo o que espera, ela se engana. O público não desempenhará esse papel; o público jamais terá uma quantidade tão incalculável de coisas a censurar-me, ainda que me examine sob a lupa mais potente. Não sou um homem tão inútil quanto ela me crê; não pretendo me gabar, sobretudo não a esse respeito; mas se não me destaco por nenhuma utilidade especial, tampouco chamo a atenção pela razão contrária; é só a ela, só a seu olhar quase rutilante que pareço assim, e ela não será capaz de convencer a mais ninguém. Será então que eu poderia me tranquilizar a esse

respeito? Não, de modo algum; pois se vier mesmo à tona que a ponho doente com meu modo de agir, e alguns observadores, sempre os mensageiros mais céleres, já estão a ponto de percebê-lo, ou ao menos ela age como se o percebessem, e o mundo vier me perguntar por que aflijo a pobre mulherzinha com a minha intransigência e se acaso pretendo causar sua morte e quando afinal terei o bom-senso e a simples compaixão humana de parar – se o mundo for me questionar assim, será difícil responder. Acaso devo então admitir que não acredito muito nos sintomas de doença e, assim, dar a impressão desagradável de que eu, para fugir da culpa, deito a culpa aos outros e ainda por cima com tamanha deselegância? E será que eu poderia dizer com franqueza que, mesmo se acreditasse na existência da doença, eu não sentiria a menor compaixão, uma vez que essa mulher me é completamente estranha e que a relação existente entre nós é mantida apenas por ela e que só existe no que diz respeito a ela? Não digo que não me fossem acreditar; antes, não me acreditariam nem me desacreditariam; não chegariam sequer a discutir esses particulares; apenas registrariam a minha resposta em relação a uma mulher fraca e doente, o que seria pouco favorável a mim. Com essa resposta, assim como com qualquer outra, eu me chocaria de frente com a incapacidade do mundo de, em casos como esse,

pôr de lado a suspeita de uma ligação amorosa, por mais evidente que seja que essa ligação não existe e que, se fosse existir, partiria antes de mim, pois eu de fato poderia admirar a pequena mulher pelo vigor de seu julgamento e pelo caráter incansável de suas conclusões se não fosse eternamente punido por essas mesmas qualidades. Nela inexiste qualquer indício de uma ligação amigável a mim; nesse ponto, é sincera e verdadeira; nisso repousa minha derradeira esperança; nem mesmo se conviesse a seus planos de guerra fazer crer em uma ligação do tipo entre nós dois ela esqueceria de si a ponto de fazer algo parecido. Mas o público, completamente obtuso nesse aspecto, seguirá firme em sua convicção e decidirá sempre contra mim.

Assim, antes que o mundo intervenha, restar-me-ia apenas mudar enquanto é tempo, não a ponto de acabar com a irritação da mulherzinha, o que é impensável, mas ao menos para atenuá-la um pouco. De fato, muitas vezes perguntei-me se a minha atual situação é tão satisfatória a ponto de eu não querer mudá-la em nada e se, nesse caso, não seria possível operar em mim certas mudanças, mesmo sem estar convencido de sua necessidade, mas apenas para acalmar a mulher. Foi o que tentei fazer com toda a honestidade, sem poupar esforços nem cuidados, o quanto me agradou e por pouco não

me divertiu; resultaram mudanças isoladas, eram visíveis de longe, e nem precisei chamar a atenção da mulher, pois ela sempre percebe essas coisas antes de mim, percebe até a expressão do intento em meu ser; mas não logrei nenhum êxito. Afinal, como seria possível? A insatisfação que ela sente em relação a mim, agora percebo, é algo profundo; nada é capaz de extingui-la, nem mesmo a extinção do meu próprio ser; a notícia de meu suicídio seria recebida com um surto de raiva incontrolável. Não consigo conceber que ela, uma mulher tão arguta, não perceba tão bem quanto eu – tanto a falta de perspectiva de seus esforços quanto a minha inocência, a minha incapacidade de corresponder a suas exigências mesmo com a maior boa vontade. Com certeza ela percebe, mas, por conta de sua natureza combativa, esquece de tudo no clamor da batalha, e minha reação infeliz, que no entanto não sou capaz de mudar, pois esse é meu jeito de ser, consiste no impulso de sussurrar uma exortação suave a quem perde o controle. Assim está claro que nunca vamos nos entender. Sempre vou sair de casa na alegria das primeiras horas da manhã e avistar esse rosto entristecido por minha causa, os lábios contraídos em desgosto, o olhar implacável que antes mesmo de qualquer exame já sabe o que verá dirigindo-se a mim e ao qual nada, por mais fugaz que seja, é capaz de escapar, o sorriso amargo que lhe escava

as faces tenras, o olhar lamentoso em direção ao céu, o movimento das mãos que pousam na cintura, para se apoiar, e então o palor e o tremor da revolta.

Há pouco tempo fiz, pela primeira vez, como na ocasião eu mesmo admiti surpreso, alguns comentários sobre o assunto a um bom amigo, de modo passageiro, leve, em meia dúzia de palavras, diminuindo a importância do todo, que na verdade é pouca se vista de fora, a proporções ainda menores do que na verdade tem. O mais notável foi que o amigo escutou-me interessado, aumentou por conta própria a importância do ocorrido, não se deixou distrair e insistiu no assunto. Tanto mais notável, no entanto, foi que ainda assim tenha subestimado o meu problema em um ponto decisivo, pois aconselhou-me, em tom sério, a viajar um pouco. Nenhum conselho poderia ser menos sensato; as coisas na verdade são simples, todos podem compreendê-las ao chegar mais perto, mas não tão simples que a minha partida pudesse pôr tudo ou sequer o mais importante em ordem. Pelo contrário, antes de partir devo proteger-me ainda mais; se tenho mesmo de seguir um plano, então que seja o de manter o assunto dentro dos estreitos limites atuais que o mantêm separado do mundo externo, ou seja, ficar quieto onde estou e impedir as grandes mudanças visíveis que a situação exige, o

que inclui não mencionar nada a ninguém, não porque tudo isso esconda algum segredo terrível, mas por tratar-se de um assunto irrelevante, pessoal e perfeitamente suportável que deve permanecer como tal. Assim, as observações de meu amigo não foram de todo inúteis; ainda que não tenham trazido nenhum ensinamento novo, fortaleceram minha crença fundamental.

Uma reflexão mais atenta mostra que as aparentes mudanças nessa situação ao longo do tempo na verdade não são mudanças na situação em si, mas o mero desdobramento da minha visão a seu respeito na medida em que, por um lado, essa visão fica mais serena, mais máscula, chega mais perto do cerne da questão, enquanto, por outro, no entanto, adquire, sob a influência inelutável dos constantes abalos, por mais leves que sejam, um certo quê de nervosismo.

Fico mais tranquilo em relação ao assunto quando creio perceber que uma decisão, por mais próxima que às vezes pareça estar, na verdade não virá; há uma certa inclinação, em especial na juventude, a supervalorizar o momento em que as decisões aparecem; sempre que minha pequena juíza, enfraquecida pelo meu olhar, afundava de lado em uma cadeira, com uma mão agarrada ao encosto enquanto a outra mexia no espartilho, e as lágrimas de cólera e desespero corriam-lhe pelas faces, eu pensava, eis aí a decisão e, a qualquer

momento, serei chamado a prestar contas. Mas não houve decisão, não houve prestação de contas, as mulheres ficam mal por qualquer coisa e o mundo não tem tempo para cuidar de tudo o que acontece. E afinal o que aconteceu em todos esses anos? Nada, salvo que essas cenas repetiram-se, ora mais intensas, ora menos, e que agora somam um número maior. E que as pessoas ficam ao redor e de bom grado interviriam, se tivessem oportunidade para tal; mas não a encontram nunca, até agora não fazem mais do que farejar ao redor, e a verdade é que o faro basta para entreter um bocado o dono do nariz, mas não serve para mais nada. No entanto, sempre foi assim, sempre houve desocupados e ociosos que justificam sua presença com notável perspicácia, de preferência por meio de um parentesco, sempre muito curiosos, com o nariz onde não foram chamados, mas no fim tudo o que conseguem é ficar lá, parados. A principal diferença é que aos poucos comecei a reconhecê-los, a distinguir seus rostos; antes eu acreditava que eles vinham um por um, de toda a parte, reunir-se, que as proporções da coisa aumentavam e que por fim precipitariam a decisão; hoje creio saber que tudo sempre foi assim e que essas coisas pouco ou nada têm a ver com a chegada da decisão. Mas e quanto à própria decisão, por que a chamo por um nome tão pomposo? Se chegar a ponto – e com certeza não será amanhã

nem depois de amanhã nem provavelmente nunca – de o público, apesar de tudo, se ocupar desse assunto que, repito, não é de sua competência, é verdade que não hei de escapar incólume a esse processo, mas assim virá à tona que não sou estranho ao público, que vivo desde sempre à luz da sociedade como um homem confiável e digno de confiança, e que assim essa pobre mulherzinha recém-chegada, que, aliás, alguém mais bem poderia ter reconhecido como um carrapicho e pisoteado sob as botas sem que o público notasse, que essa mulher, mesmo na pior hipótese, não seria capaz de fazer mais que acrescentar uma pequena garatuja odiosa ao diploma em que a sociedade há tempos me declara um indivíduo respeitável. Esta é a situação atual das coisas, pouco apta a me inquietar.

O fato de eu ter me inquietado um pouco com o passar dos anos não tem nada a ver com a importância real do assunto; simplesmente não há quem aguente irritar outra pessoa o tempo inteiro, ainda que se reconheça a total ausência de motivo para essa irritação; bate a inquietude, surge uma crença, de certo modo apenas física, em decisões, mesmo que a razão não creia em sua chegada. Em parte trata-se apenas da velhice que chega; a juventude vê tudo com bons olhos; minúcias desagradáveis perdem-se na inesgotável fonte de sua força; se um jovem tem um olhar

meio à espreita, não o levam a mal, na verdade ninguém percebe, nem mesmo ele próprio, mas o que fica na velhice são restos, tudo é necessário, nada se renova, tudo fica em observação e o olhar à espreita de um velho é um olhar claramente à espreita, e não é difícil percebê-lo. Mas aqui não se trata de uma piora real e objetiva.

Assim, de qualquer ângulo que eu examine o caso, resulta sempre a convicção de que, se eu esconder esse assunto sem importância com a mão, mesmo de leve, poderei seguir o curso normal da minha vida ainda por muito tempo sem que o mundo me importune, apesar dos surtos da mulher.